The background is a vibrant, painterly illustration of a sunset over a beach. The sky is a mix of warm yellow, orange, and red tones. In the foreground, a man and a woman are walking away from the viewer on the beach, their figures silhouetted against the bright light. The overall mood is romantic and nostalgic.

# Este Verão Vai Ser Diferente

CARLEY  
FORTUNE

TOP  
SEL  
LER

*Autora bestseller de Cada Verão Passado  
e Vem Ter Comigo ao Lago*

Para a Meredith, como é óbvio.  
O meu amor por ti é sempre a abrir.

# Parte Um

«Não é tão bom pensar que amanhã é  
um novo dia, ainda sem erros?»

L. M. Montgomery, *Ana dos Cabelos Ruivos*

## Prólogo

# Verão, cinco anos antes

Tapei o sol com as mãos para conseguir apreciar a vista. Uma baía ensolarada. Água cintilando como safiras sob falésias ferruginosas. Ninhos enovelados de algas espalhados pela faixa de costa arenosa. Um restaurante com fachada em madeira. Pilhas de armadilhas para lagostas. Um homem vestido com perneiras de pesca.

O ar salgado preencheu o meu nariz, e o som de um barco piscatório os meus ouvidos. Uma brisa beijada pelo sal fez com que a saia do meu vestido me esvoaçasse contra as pernas, e eu sorri. Era tal como tinha imaginado que as minhas primeiras férias na Ilha do Príncipe Eduardo seriam, à exceção de um pequeno pormenor. A Bridget podia ter perdido o avião, mas eu estava aqui. E estava com fome.

Demorou um momento para que os meus olhos se ajustassem quando entrei na Shack Malpeque. A minha atenção focou-se de imediato na rapariga com falsas tranças ruivas e um chapéu de palha. Estava sentada a uma mesa perto da janela, e enquanto o seu irmão mais velho observava os produtores de mexilhão na água, ela roubou uma grande batata frita do prato dele. Atirou-a para a boca quando me apanhou a olhar para ela, e eu fiz-lhe um fixe.

«Os teus problemas irão parecer mais simples quando chegarmos à ilha», prometera a Bridget ontem. Eu estava debruçada sobre

a bancada da cozinha do nosso apartamento, com a testa no granito. Ela deu-me umas palmadinhas nas costas. «Não dês ouvidos aos teus pais. Isto está no papo, Bee.»

A Bridget nunca usava o meu nome verdadeiro. Para quase toda a gente na minha vida, exceto a minha melhor amiga, eu era a Lucy Ashby. Para a Bridget, eu era a Bee.

Parei junto da receção e de uma placa pintada à mão onde se lia SEMPRE A ABRIR, o cheiro a vinagre de malte a fazer-me crescer água na boca. Todas as mesas de madeira, diferentes umas das outras, estavam ocupadas, e ninguém parecia estar prestes a pedir a conta. Era esse tipo de dia.

Quando eu estava a pensar virar as costas e ir embora, uma empregada com cabelo grisalho e três pratos de sanduíches de lagosta equilibrados no braço chamou-me.

— Podes sentar-te ao balcão, querida. — Virei o pescoço e deparei com uma fila de bancos vazios atrás de mim.

E com ele.

Ele estava do outro lado do balcão, de cabeça baixa, a abrir ostras. A t-shirt branca moldava-se-lhe aos braços e ombros à medida que ele trabalhava. O seu cabelo era um pouco mais escuro do que o meu, de um profundo castanho-chocolate, espesso e ondulado, curto o suficiente para não lhe tapar os olhos, mas comprido o suficiente para se rebelar, descaindo-lhe pela testa. Senti uma vontade súbita de passar os dedos pelo seu cabelo.

Observei os seus braços contraírem-se enquanto ele espetava uma pequena faca de cabo de madeira numa ostra, observei o seu pulso a virar-se, abrindo-a. Ele limpou a lâmina num pano de cozinha dobrado e depois deslizou-a por entre as conchas. A parte de cima foi posta de parte. Houve mais um movimento da faca, e depois ele colocou a ostra numa travessa de gelo picado.

Enquanto me aproximei, ele limpou a lâmina novamente. Em vez de a espetar noutra ostra, parou e olhou para mim.

Quase tropecei. Os seus olhos eram do mais estonteante tom de azul-icebergue, e contrastavam com o seu bronzeado. Um sulco dividia o centro do seu queixo. O seu rosto não era tocado por uma lâmina de barbear há pelo menos dois dias, e tornara-se um estudo sobre contraste. Maxilar definido. Suaves lábios rosados, o inferior mais carnudo do que o superior. Os olhos brilhantes rodeados por pestanas pretas.

Ele olhou-me nos olhos durante menos de um segundo. Eu vi-o, e ele viu-me, e nesse ínfimo instante, algo aconteceu entre nós.

Um entendimento. Uma necessidade. Uma vontade.

*Eletricidade.*

A minha pulsação acelerou, alta e insistente nos meus ouvidos, e o peso de toda a preocupação e medo e vergonha que tinha carregado desde que contara aos meus pais que me tinha demitido do emprego deslizou dos meus ombros como seda.

Ele voltou ao trabalho e não reagiu quando me sentei num dos bancos. Fiquei a olhar para as suas mãos enquanto ele despia ostra após ostra a uma velocidade impressionante. Preparou uma dúzia e depois pousou a travessa na ponta do balcão.

Só aí voltou a fixar-se em mim, e durante um momento, ambos ficámos a olhar um para o outro. Havia algo retraído no seu olhar, uma cautela que se escondia por detrás daquelas águas brilhantes. Por um instante, vi um traço de tristeza, mas, logo que me perguntei de onde tinha aparecido, assim desapareceu. De perto, consegui ver que a sua íris direita tinha uma pequena mancha castanha sob a pupila. Um perfeito pequeno defeito. De súbito, não me pareceu trágico que a Bridget tivesse perdido o avião. Senti que era o destino. Ele era, sem sombra de dúvida, o homem mais atraente que eu alguma vez vira.

— Com fome? — perguntou.

— Faminta — respondi, e pensei ter visto o seu lábio contrair-se.

— De onde é que vens? — A sua voz era grave e tão seca como casca de bétula. O seu sotaque era mais acentuado do que o da Bridget: o seu *de onde* mais parecido a *donde*.

— Como é que sabes que venho de algum lado? Posso ser daqui.

Ele susteve o meu olhar. Novamente, uma troca. Uma corrente a percorrer um cabo elétrico. O seu foco desviou-se para o meu cabelo, castanho-acobreado e entrançado numa coroa em torno da cabeça, e depois para a minha roupa. Levantou as sobrancelhas. Quando planeei o meu vestuário para as férias, pensei que o vestido era adequadamente pastoral: de tecido axadrezado vermelho e branco, alças descaídas dos ombros, e um tamanho acima. Como a Ana Shirley, mas com um toque moderno. Se bem que as mangas em balão talvez tenham sido um exagero.

Ele encolheu um dos ombros, um gesto que me pareceu familiar.

— A maioria das pessoas da ilha não se veste como uma toalha de mesa — disse, sério, enquanto a empregada passava atrás dele e lhe dava uma palmada no ombro ao mesmo tempo que soltava um som reprovador. Passei as mãos pelo tecido de algodão, de sobrancelhas cerradas, depois endireitei o decote.

Ele pegou noutra ostra e, depois de a abrir, disse:

— É uma toalha de mesa gira.

— É bom que seja. Esta toalha de mesa quase arruinou a minha carteira.

— Não lhe liguês, querida — disse a empregada, enquanto pegava em dois pratos de arinca panada da janela passa-pratos. — Ele está enferrujado. Acha que consegue safar-se só com aqueles olhinhos. Estou farta de lhe dizer que as mulheres gostam é de boas maneiras.

Eu ri-me. O seu olhar voou até ao meu assim que ouviu o som, e eu senti-o novamente. Um relâmpago a percorrer-me a coluna.

— É disso que as mulheres gostam? De boas maneiras? — A sua voz era baixa, arrastando-se pela minha clavícula, pelos meus ombros.

Eu conhecia aquele tom. Estava a namoriscar. Ele era mais subtil do que aquilo a que eu estava acostumada, faltava-lhe o piropo descarado e a confiança do *não consegues resistir-me*, mas era isso. Um convite para entrar no jogo. A primeira deixa de um colega de

cena numa sessão de improviso. Eu podia namoriscar. Eu era boa a *namoriscar*. Os meus lábios formigavam, um sorriso brincava num dos lados dos seus.

— Não posso falar pelas outras mulheres, mas esta gostava era de ver a ementa. — Inclinei-me para ele. — Se faz favor.

— Bem visto.

Mas ele não obedeceu ao meu pedido. Em vez disso, ralou um pouco de rábano-picante fresco, que me comichou no nariz, e colocou-o no centro de um círculo de ostras, juntamente com duas fatias de limão. Pousou o prato e uma garrafa de molho picante à minha frente. Seis brilhantes ostras Malpeque.

— É por minha conta.

— A sério?

Ele foi até à outra ponta do balcão. Estava a usar calças de ganga escura, dobradas nos tornozelos, e uns *Vans* em xadrez preto e branco. Observei os seus músculos enquanto ele tirava uma cerveja. Pousou o copo gelado à minha frente.

— Aqui tens... — Interrompeu-se.

— Lucy.

— Aqui tens, Lucy.

— Obrigada... — Gesticulei na sua direção.

Ele limpou as mãos a um pano de cozinha, de olhos fixados nos meus, como se tivesse uma decisão a tomar antes de me responder.

— Felix — disse, um momento depois.

— Não costumo beber cerveja, Felix.

— É uma cerveja de mirtilo, feita aqui na ilha. Prova.

Bebi um trago. Era gelada e ligeiramente ácida.

— Obrigada. — Pousei o copo. — E tinhas razão há pouco: não sou daqui. Vivo em Toronto — disse, pegando numa ostra.

— Toronto — repetiu, ainda que tenha soado mais a *Teronte*. Aceitou uma vez, solene. — Lamento.

Mostro-lhe um sorriso enviesado.

— Não lamentes. Eu gosto. Na maior parte do tempo. Já lá estiveste?

— Uma vez — disse. — Só lá passei uma noite, mas foi o suficiente.

Assenti. Podia levar algum tempo para que uma pessoa comesse a gostar de Toronto, e apesar de já lá viver há sete anos, não tinha a certeza de que já tivesse começado a gostar inteiramente. Coloquei um pouco de rábano-picante e umas gotas de limão em cima da ostra e levantei-a em direção ao Felix, como que a brindar, antes de a levar à boca de olhos fechados. O sal fresco do oceano atingiu-me a língua e, com ele, uma memória.

Eu e a Bridget no nosso apartamento, no outono passado. Tínhamos acabado de nos mudar para a mesma casa e passáramos o fim de semana a desfazer caixas e a planear. Como é que as nossas coisas se encaixariam juntas? Como é que *nós* nos encaixaríamos juntas? No domingo ao fim do dia, já havíamos determinado que tínhamos dois abre-latas, nenhuma mesa de centro, um sofá agressivamente desconfortável e um abastecimento vitalício de velas pequeninas do IKEA.

Estávamos cobertas de pó e deitadas no chão quando a Bridget se levantou e patinou com as meias até à cozinha. Foi ao frigorífico buscar uma caixa de ostras Malpeque da Ilha do Príncipe Eduardo. A Bridget era uma rapariga peculiar de 20 e poucos anos com a sua própria faca para abrir ostras, mas eu nunca tinha sequer provado uma ostra. Ela não conseguia encontrar a faca naquele caos de jornais e plástico e cartão, então abriu as ostras todas com uma chave de fendas que desenterrou da sua caixa de ferramentas, com a cara enrubescida pelo esforço.

«Se algum dia conheceres a minha família», disse, enquanto eu tirava um pedaço de concha da boca, «promete-me que não lhe contas como eu dizimei estas ostras.»

Éramos amigas há um ano e, tirando a minha tia, ela era já a minha pessoa favorita no mundo inteiro, mas apaixonei-me ainda mais pela Bridget nessa noite.

Ela deveria estar aqui. A minha primeira ostra na Ilha do Príncipe Eduardo. Tinha-a visto naquela manhã, mas ainda assim, senti tantas saudades que a minha garganta se apertou.

Quando abri os olhos, o Felix estava a olhar para mim. Podia jurar ter visto uma réstia de tristeza, uma melancolia a nadar sob a superfície azul. Mas desapareceu novamente antes de um dos cantos da sua boca se curvar.

— É bom? — perguntou.

— Muito.

Ajeitei-me no banco, cruzando as pernas. Conseguia sentir o início de um rubor. O meu peito vestia-se de vermelho-vivo com as emoções mais fortes. Começou entre os meus seios e subiu-me até ao pescoço. Os olhos do Felix desceram até ao trio de sinais por baixo da minha clavícula.

— Então, o que te traz à ilha?

— Viagem de amigas.

Fora uma ideia da Bridget. Eu contaria finalmente aos meus pais que me tinha demitido do emprego de relações públicas, e depois faríamos uma viagem à sua casa na ilha. Duas semanas de ostras, areia e mar. Duas semanas para relaxar, sem preocupações. Parecia que tínhamos alcançado um novo patamar na nossa amizade. Já éramos colegas de casa há um ano, e amigas há mais um, mas uma pessoa não conhece verdadeiramente alguém até conhecer a sua família. E eu mal podia esperar por conhecer a da Bridget. Ela é a pessoa mais confiante, capaz e bondosa que eu alguma vez conheci, e eu queria saber de onde ela vinha.

O Felix fez questão de acentuar o facto de o banco ao meu lado estar vazio.

— Perdeste a tua amiga pelo caminho?

Os pais da Bridget tinham ido visitar uns amigos à Nova Escócia até à semana seguinte, e o seu irmão mais novo não respondera às mensagens ou atendera as chamadas sobre a minha chegada. Eu devia conduzir até à casa deles e entrar sozinha.

«Contorna a casa até ao terraço», indicara-me a Bridget. «Há uma chave suplente debaixo do sapo de cerâmica.»

Eu odiava estar sozinha tanto quanto ficar parada, e não queria passar o resto da tarde a vaguear pela casa dos Clarks, com o descontentamento dos meus pais a ecoar no silêncio. Entrei no carro alugado e fui diretamente do aeroporto de Charlottetown para a Shack Malpeque.

— A minha amiga chega amanhã — disse, prendendo o olhar do Felix.

Ele processou a informação, com a cabeça inclinada para o lado de olhos semicerrados, e depois pegou na faca. Vi-o abrir três dúzias de ostras em minutos, as suas mãos a moverem-se a uma velocidade impressionante. Estava a começar a pensar que o tinha interpretado mal quando ele voltou a falar, os seus olhos encontrando os meus sob as pestanas.

— Já tens planos, enquanto a tua amiga não chega?

Talvez fosse da cerveja ou do entusiasmo de estar num sítio novo, mas eu não costumava ser assim tão frontal, tão certa daquilo que queria.

— Não — respondi ao Felix. — Estou aberta a tudo.

Os seus olhos arregalaram-se e ele disse um palavrão. Uma fita de sangue desceu-lhe pelo braço. Peguei numa mão-cheia de guardanapos, apressando-me a contornar o balcão.

— Estás bem?

Ele levantou a mão da ferida no seu pulso esquerdo e eu cobri-a com guardanapos.

— Acho que podes precisar de pontos.

— É só um pequeno corte.

Aproximei-me, segurando-lhe no braço, exercendo pressão sobre o corte.

— Por amor de Deus — bradou a empregada. — Limpa isso e vai-te embora.

Ainda a segurar-lhe o braço, segui o Felix até um pequeno escritório, onde ele encontrou um estojo de primeiros socorros na gaveta da secretária.

— Isto costuma acontecer frequentemente? — perguntei enquanto lhe enrolava o pulso com gaze. Conseguia sentir o calor da sua respiração na minha pele.

— Não, Lucy. Não costumo ter mulheres lindas a dizerem-me que estão abertas a tudo enquanto eu tenho um objeto afiado na mão.

Sorri.

— Então e objetos rombos?

— Também não.

— É uma pena — disse, ainda que não acreditasse completamente. O seu rosto era um cruzamento entre deslumbrante e austero. Além disso, havia o cabelo e os músculos. Também já tinha dado uma olhada ao seu rabo, e era excepcional. Aposto que o Felix já ouviu um ou dois piropos relacionados com ostras. Eu já tinha pensado em pelo menos cinco desde que entrei no restaurante.

Prendi a ligadura, mas não conseguia convencer-me a largá-lo.

— É melhor que isso seja visto por um médico — disse. — Eu posso levar-te ao hospital.

— O meu braço está ótimo. — O Felix baixou a cabeça para nivelar o nosso olhar.

*Faísca. Efervescência. Crepitação.*

— E que tal levares-me a casa em vez disso, Lucy?

Mal falámos durante a viagem, mas o ar dentro do carro vibrava com a expectativa. Eu conseguia sentir a atenção do Felix a deslocar-se do meu pescoço para os meus ombros. E mais abaixo. Tenho a certeza de que ele conseguia ver a pulsação no meu pescoço.

Eu estava nervosa, o meu estômago às voltas como gaiotas em céu aberto. Com 24 anos, estava familiarizada com engates sem

compromisso. Aventuras, curtes, uma noite de diversão, umas semanas de enrolanço: eu era especialista em cenas casuais. Mas isto parecia diferente. Mais arriscado. Não tínhamos sequer feito uma refeição juntos, ou tomado uma bebida. Eu não o tinha pesquisado na Internet. Não sabia qual era o seu apelido ou que idade tinha. Vinte e poucos anos? Tudo o que eu sabia sobre o Felix era que ele era atraente, que conseguia fazer com que abrir ostras parecesse preliminares e que queria ir para a cama comigo.

Virei para o caminho que dava acesso à casa dele, uma faixa de terra vermelha que se estendia por um campo verde como aipo. Manchas cor-de-rosa e roxas cresciam num debrum ao longo da berma. Dobrei uma curva, depois outra, e apareceu uma casa. Erguia-se orgulhosamente ao longe, com telhas de cedro cinzentas e um telhado que se elevava em dois picos dramáticos de cada lado. A caixilharia era de um branco fresco, a porta de entrada, de um amarelo alegre. O mar estendia-se por detrás dela, uma planície azul resplandecente.

— É aqui que vives? — perguntei depois de estacionar. Os canteiros de flores eram fantásticos. A época das peónias já tinha terminado em Toronto, mas aqui estavam a florescer a olhos vistos. Devia haver pelo menos uma dúzia. E rosas por todo o lado. Clematites magenta a trepar uma treliça. Antirrinos. Margaridas amarelas. Virei-me para o Felix. — Isto é o teu jardim? — Mas ele já estava a sair do carro.

Contornou o carro, abriu a porta do meu lado e estendeu-me a mão. O ar do Atlântico encheu-me os pulmões enquanto uma brisa forte fazia com que a saia me ondulasse em torno das pernas. Ri-me, tentando mantê-la no lugar, mas o Felix puxou-me para si. Esqueci as peónias. Ele era uns centímetros mais alto do que eu, e encaixávamo-nos na perfeição, nariz com nariz, peito com peito, anca com anca.

— Não estava à espera de que o dia de hoje acabasse desta forma — disse eu.

Apanhei o vestígio de uma covinha na sua bochecha esquerda quando ele sorriu, sem réstia da tristeza que pressenti no restaurante.

— Não?

Os seus lábios passaram pelos meus antes de descerem para o meu pescoço. Inclinei a cabeça para trás, olhando para uma garça que voava sobre nós.

— Nem por isso.

A sua barba fazia-me cócegas na pele à medida que a sua boca avançava até ao triângulo de sinais. Ele pousou um beijo sobre eles, depois provou-os com a língua. Estremeci.

— Não deves ter feito o trabalho de casa — disse, movendo os lábios até ao meu ouvido. — É assim que damos as boas-vindas a mulheres lindas que vêm de longe. Um cumprimento tradicional aqui da ilha.

Isso fez com que uma gargalhada se soltasse da minha garganta.

— Se eu soubesse disso, teria vindo mais cedo.

A sua mão curvou-se por trás da minha cabeça.

— Acho que vieste mesmo no momento certo.

Havia uma fina camada de ar entre nós, e ficámos a olhar um para o outro durante um segundo intenso, antes de a eliminar. Eu queria ir com tudo, mas começou devagar e suavemente, hesitante, até que a língua do Felix deslizou por entre os meus lábios. Inclinei-me para ele, os meus dedos viajando para o seu cabelo. Ele chupou o meu lábio inferior e eu soltei um gemido. E depois, os seus dentes apareceram, percorrendo o meu lábio. Não me mordeu com força, mas surpreendeu-me o suficiente para que eu abrisse os olhos.

Ele afastou-se um pouco, com o olhar mais pesado do que momentos antes.

— Foi demasiado?

Toquei na minha boca, abanando a cabeça.

— Mais.

O Felix levou-me para dentro de casa e, antes de eu poder ver a vista, estávamos a beijar-nos de novo. Estendi a mão para a bainha

da sua camisola quando ouvi o barulho metálico do meu fecho. Estávamos a despir-nos e a tropeçar nas peças de roupa, a subir as escadas para o seu quarto, um emaranhado frenético de braços, pernas e risos.

Caímos juntos na cama, já nus. O corpo do Felix era feito de traços fortes e cumes sombreados, como se tivesse sido concebido com a aerodinâmica em mente. Os seus ombros eram largos, o seu peito firme e coberto de pelos escuros. Passei os dedos pela sua pele bronzeada, maravilhada pelos músculos tonificados que lhe cobriam a barriga.

Não prestei muita atenção ao quarto, reparei apenas no exemplar desgastado do *Vasto Mar de Sargaços* pousado na sua mesinha de cabeceira, que me chamou a atenção enquanto ele trilhava um caminho de beijos pelo meu corpo. Pareceu-me, por um instante, que era um livro estranho para um tipo de 20 e poucos anos, mas depois o seu maxilar deslizou pelo interior da minha coxa, e parei de prestar atenção à decoração.

O sol estava a pôr-se, riscas de azul-real e cor de laranja a ondular no céu, quando decidimos que precisávamos de mantimentos. O Felix fez o jantar. Espessas fatias de pão estaladiço barradas com manteiga. Um prato de succulentas rodela de tomate, que brilhavam com o tempero de sal e azeite. Outro de frango assado frio. Queijo *cheddar*. Maçarocas de milho. Montámos sanduíches abertas com o tomate e o queijo e devorámos o prato inteiro de frango no terraço com vista para o golfo, ele em boxers, ambos com t-shirts brancas que ele tirou de uma gaveta cheia delas.

Na vez seguinte, nem sequer subimos as escadas. Nem sequer entrámos. O Felix sabia aos tomates maduros de verão que tínhamos comido ao jantar: uma explosão fresca de sol e sal.

*Mais*, passei a noite a dizer. *Mais*.



Acordei na manhã seguinte com o braço do Felix sobre a minha barriga, o seu corpo envolto no meu. Devíamos ter adormecido dessa forma, apesar de eu não me recordar de tal. Mantive-me quieta, não querendo acordá-lo, não querendo confrontar o inevitável constrangimento da manhã. Tinha sido uma noite frenética. Éramos desconhecidos que se comportaram como amantes de longa data. Penso que o Felix precisara de se soltar tanto quanto eu. De certeza que ambos ficaríamos envergonhados à luz do dia. Mas depois senti o deslizar do seu maxilar no meu ombro e o sussurro dos seus lábios no meu pescoço. E não foi estranho. Foi lento e preguiçoso e doce, como molho quente de caramelo a deslizar por uma bola de gelado.

Quando finalmente nos separámos, quando eu disse que era melhor ir andando, o Felix disse-me que não tinha de ter pressa.

— Se quiseres, poder tomar um duche — disse. — Bebes café ou chá?

Então, fiquei. Tomei um duche. O Felix bebeu chá, eu bebi café.

— Quando é que tens de ir buscar a tua amiga ao aeroporto? — perguntou. Estávamos no terraço, ele no cadeirão e eu no canto do sofá de exterior onde nos devorámos na noite anterior.

— Daqui a pouco, acho eu. O voo dela aterra ao meio-dia.

O Felix soprou o seu chá e o vapor dançou por cima da chávena.

— Diverti-me bastante ontem à noite — disse, levantando o olhar para o meu. — Sei que vais estar cá durante duas semanas, mas...

Interrompi-o:

— Felix, a noite de ontem foi... — Explosiva. Excitante para caracas. Desastrosa, provavelmente. Foi literalmente o melhor sexo que já tive. — Foi... bem, tu estavas lá. Sabes como foi.

Os seus olhos desceram para o rubor que aparecera no meu peito, parando no trio de sinais.

— Eu *estava* lá.

Querida que ele soubesse que estávamos de acordo. Não tínhamos de ter aquela conversa.

— O que estou a tentar dizer é que concordo: foi espetacular. Cinco estrelas. Mas sei que foi algo de uma só vez.

— Foi mais algo de quatro vezes. — A sua única covinha apareceu brevemente.

— Certo — disse, os meus olhos encontrando os seus.

*Fáisca. Efervescência. Crepitação.*

Ele aclarou a garganta.

— Onde é que vais ficar hospedada? Se quiseres posso dar-te algumas recomendações de sítios para visitares. Tenho uma lista para quando alguém pergunta lá no restaurante. Deixei o telemóvel na carrinha de um amigo na outra noite, mas posso enviar-ta quando ele o vier trazer hoje.

— Isso seria ótimo, na verdade. — Peguei no telemóvel e abri a conversa com a Bridget. — A minha amiga cresceu aqui, mas vive em Toronto há anos. — Li a morada que ela me deu de Summer Wind em voz alta, depois olhei para o Felix.

Ele observava-me, sem pestanejar, o seu rosto subitamente pálido.

— O que foi?

Ele demorou alguns segundos a falar.

— Tens a certeza?

— Acho que sim. — Li a morada novamente. — Porquê? Sabes onde é?

Os seus olhos percorreram o meu rosto.

— És a amiga da Bridget — disse o Felix. — Pensei que só vinhas na próxima semana.

Abri a boca para responder, mas depois reparei no sapo de cerâmica verde junto da porta de correr. O meu estômago caiu-me aos pés, rápida e fortemente, como uma bigorna cairia de um penhasco.

— Oh, meu Deus.

A Bridget deu-me apenas três regras para a viagem.

*Número 1: Come ostras até caíres para o lado.*

— Tu és a Bee — disse o Felix.

Eu estava a abanar a cabeça, apesar de ele estar certo. Eu era a Bee.  
*Número 2: Esquece a cidade.*

Desviei o olhar do sapo, por baixo do qual eu sabia estar um conjunto de chaves.

— Tu és o Wolf — murmurei. — És o... — A indisposição assolou-me com uma força tal que nem consegui terminar a frase. Tapei a boca com uma mão trémula.

*E Número 3: Não te apaixonas pelo meu irmão.*

— Sim — disse o Felix. — A Bridget é minha irmã.

# Agora

*Nove dias até ao casamento da Bridget*

**A**naliso a ilustração na mesa à minha frente com um franzir de testa. É mais detalhada do que os meus rascunhos habituais. Por vezes, só para me exhibir, faço um desenho simples enquanto o cliente observa. Mas trabalho com flores há mais de cinco anos, e já não preciso de fazer maquetes de arcos e dosséis. Desta vez, no entanto, planeei cuidadosamente cada folha e cada pétala, sombreie-as com verde, azul e branco. Mas continua a não estar bem. Arcos de flores são a minha especialidade, e este tem de ficar espetacular. Magnífico. Perfeito. Porque é sob este arco que a Bridget e o Miles irão estar quando prometerem amar e cuidar um do outro, para sempre, em frente dos seus familiares e amigos. É onde eles irão dar o seu primeiro beijo como marido e mulher. O pai da Bridget irá acompanhá-la ao altar, mas sinto que também eu estou a entregá-la. A minha melhor amiga, prestes a casar.

— Acho que falta alguma coisa. Precisa de mais drama — digo à Farah. Ela é o meu braço-direito na In Bloom e trabalha aqui quase há tanto tempo quanto eu. É uma poetisa com uma visão incrível e uma alma criativa que a minha tia não resistiu contratar. A Farah diz que fazer arranjos florais melhora a sua arte. Ela gosta de usar *eyeliner* preto esbatido e roupas coloridas. Hoje são calções de ciclismo laranja fluorescente.

Viro-me no banco para olhar para ela.

— O que é que achas?

Ela faz um som com a garganta, depois mexe em todos os desenhos das flores que fiz para a Bridget, os centros de mesa, *bouquets*, flores de lapela, ramos e vários outros arranjos, até estarem devidamente alinhados.

— Tens tanto material floral que talvez não haja espaço para os convidados.

A Farah tem uma disposição que oscila entre a indiferença e o desdém. Foram precisos meses a trabalhar juntas para que eu conseguisse ver o seu verdadeiro sorriso, o espaço fofo entre os seus dentes da frente, e mais alguns meses para perceber que a sua atitude é maioritariamente fachada. A Farah traz a sua cadela labrador, a *Sylvia*, para o trabalho, e é uma «mãe» babada. A *Sylvia* está agora a dormir debaixo da mesa, com o focinho no meu pé.

— Achas que é demasiado? — pergunto.

Ele semicerra os olhos cor de café na minha direção.

— Tu não costumavas entrar em parafuso com um projeto desta forma.

É verdade. A tia Stacy ensinou-me a cuidar das flores como deve ser, tanto no jardim como no vaso, e adorava mostrar-me os seus truques. Mas o meu sentido de equilíbrio, de cor e forma: isso é inato. E quando entro na onda, a maneira como as minhas mãos tomam o controlo do meu cérebro é mágica. O meu som favorito é o do rápido corte da tesoura de jardim contra um caule.

«Tu tens bom olho, minha querida», costumava dizer a minha tia. «Um dom que não pode ser ensinado.» A Stacy tinha sido atriz antes de ser florista. A fama que tinha proveio da sua participação num drama para adolescentes chamado *Aqui Vou Eu*, no qual representava o papel recorrente de uma intrometida parente italiana, e de três temporadas no Festival Stratford. Toda ela estava cheia de proclamações, e distribuía-as com grandeza.

— Eu sei — digo à Farah. — Mas... — distraio-me.

— É a Bridget — termina ela.

— Pois. É a Bridget.

A minha melhor amiga diz mais palavrões do que um marinheiro, tem o coração de uma mãe leoa e uma paixão assustadora por listas, etiquetas e folhas de cálculo. E, tal como seria de esperar da Bridget, supervisionou o planeamento do casamento com uma precisão cirúrgica. Há um dossiê organizado por cores e um calendário online partilhado, onde estão todas as inúmeras marcações; tanto o noivo, o Miles, como eu temos acesso a ele, assim como às fichas de fornecedores e contratos, à agenda diária e às seleções musicais para a cerimónia.

As flores foram a única coisa de cujo controlo ela abdicou. Deu-nos carta-branca, a mim e à Farah, e nós passámos horas a deliberar sobre como transformar o Museu Gardiner na estufa mais magnífica de sempre. Peónias e rosas, lírios e ranúnculos, hera e espargo-feto e folhas de magnólia.

A Bridget vai adorar o que quer que eu faça. Ela é a minha maior apoiante, o membro da minha claqué que grita mais alto. O único membro da minha claqué, agora que a minha tia morreu. Ela é a única pessoa na minha vida que me ama sem restrições ou requisitos. Acredita em mim mais do que eu própria. As flores do dia do seu casamento são uma forma de lhe agradecer, de retribuir tudo o que ela fez por mim. Irão ultrapassar tudo o que eu alguma vez fiz. São o meu presente para ela. E eu quero que o meu presente a faça chorar.

Dou uma leve e frustrada pancada com a testa na mesa, assustando a *Sylvia*. Coço-a atrás da orelha e ela volta a acalmar-se.

A sineta da porta toca e eu endireito-me subitamente, sorrindo para o homem jovem que acabou de entrar. Está bem vestido e parece nervoso. Primeiro encontro, talvez. Ou um encontro importante. Um pedido de casamento? Tenho jeito para este tipo de coisas, e eu e a Farah temos uma competição improvisada para ver quem

consegue adivinhar mais vezes. Talvez ele vá pedir a alguém para viverem juntos?

— Olá — digo. — Podemos ajudar em alguma coisa?

— Sim. Quero umas flores.

Consigo sentir a Farah a lutar contra um revirar de olhos.

— Bem, está no sítio certo. É uma ocasião especial? Para quem são?

— São para a mãe do meu namorado. Não sei de que é que ela gosta.

— Vai conhecer os sogros? — pergunta a Farah.

— Sim.

Ela olha para mim, convencida. Estive perto.

— Marcámos uma mesa às seis num restaurante ao fundo da rua — diz. — Vi a vossa montra e pensei que talvez devesse levar-lhe algo.

Olho para o relógio. São cinco e quarenta. Que estranho. A Bridget já deveria ter chegado. Ela devia vir aqui ter daqui a cinco minutos, mas costuma chegar sempre mais cedo. A última prova do vestido é esta tarde, numa loja a um quarteirão daqui. Iremos até lá a pé, traremos o vestido, e depois iremos jantar.

— Deixe-me ajudá-lo — diz a Farah. Ela fala com os clientes num tom que consegue soar tanto resignado como sábio. Eu nunca conseguiria fazê-lo da forma que ela o faz. Sou animada e mostro os dentes quando sorrio.

Ela guia-o até aos ramos de flores. Só já há três, mas ele ainda tem sorte por poder escolher. Normalmente já estão esgotados a esta hora da tarde.

Enquanto ela o ajuda a escolher, volto ao desenho. Semicerro um olho, imaginando a Bridget em marfim, o Miles no seu fato. O vestido dela é elegante, simples. É uma das razões pelas quais eu penso que o arco deve ser mais elaborado. Se o vestido dela fosse extravagante, eu certificar-me-ia de que as flores não o iriam prejudicar. O vestido é lindo, mas não tem nenhum floreado. Nem sequer tem uma cauda.

Uma cauda.

Pego no lápis e começo a desenhar o rascunho de um arco que cai em cascata até ao chão, estendendo-se pelo solo. Será um rio de flora. Uma cauda de flores.

Não reparo na Farah a olhar por cima do meu ombro até ela dizer:

— Requentado.

— Perfeito.

— Perfeito — concorda ela.

O próximo passo é descobrir o que preciso de encomendar, mas tenho tempo. O leilão de flores, onde faço a maioria das compras todas as semanas, é na terça-feira de manhã, portanto ainda tenho cinco dias para decidir. E agora que já tenho o projeto do arco despachado, posso voltar a minha atenção para amanhã. Mordo o lábio.

Como se estivesse a ler o meu pensamento, a Farah pergunta:

— Queres discutir alguma coisa antes da tua reunião?

Vou tomar o pequeno-almoço com a Lilian, a gestora de eventos do Cena, uma das cadeias de hotelaria mais chiques de Toronto. Ela leu sobre a loja no jornal e pediu à In Bloom para se encarregar das flores de todos os restaurantes do Cena. São oito, e um deles fica no hotel sofisticado onde nos vamos encontrar. A minha sexta-feira irá começar com uma omeleta caríssima e um contrato que poderá mudar a minha vida.

— Acho que não é preciso — digo à Farah.

Tenho a certeza de que irei assinar aquele papel amanhã, mas não posso negar que isso me deixa nervosa. Não tenho a certeza se estou a ter dúvidas porque as encomendas de empresas não me satisfazem: dezenas de vasos iguais, aborrecidos e impessoais; ou se estou preocupada com a possibilidade de não conseguir lidar com o aumento do volume de trabalho. Neste momento, tenho a Farah e dois empregados a tempo parcial, mas se eu avançar com o Cena, precisarei de dois ou três empregados a tempo inteiro. E, por mais que eu adore fazer arranjos, não adoro ser gerente. É difícil ter conversas difíceis. Mas se

o que me está a impedir é o medo e falta de confiança em mim própria, é mais uma razão para me atirar de cabeça. Isso e o facto de que aceitar o contrato significa que poderei dar à Farah o aumento que ela merece.

— Estou entusiasmada — digo à Farah. — E também estou cansada. Não durmo há semanas. — Tenho passado demasiado tempo a pensar quando deveria estar a dormir.

— Talvez devesse tirar um dia de folga...

— Sabes bem que não posso fazer isso. — Já estamos a trabalhar a todo o vapor.

Ela resmunga.

— Então, pelo menos não vás para casa muito tarde esta noite. Ficas insuportável quando não descansas como deve ser.

A Farah dirige-se à porta de entrada e tranca a fechadura. Olho para o relógio e surpreendo-me quando vejo que já são seis horas. A Bridget está dez minutos atrasada. A Bridget nunca se atrasa. É a pessoa mais certinha que eu conheço.

Somos melhores amigas há sete anos e, durante todo esse tempo, ela atrasou-se única e exclusivamente uma vez. Naquela primeira viagem. Da única vez que importava.

— Que estranho — digo, tentando que o receio não transpareça na minha voz. A Bridget está bem. Tem de estar.

— Ela deve ter ficado presa no trânsito — diz a Farah. Mas eu consigo ouvir a incerteza na sua voz.

— Talvez.

A Bridget é vice-diretora de relações públicas no Hospital Sunnybrook, e ia sair às cinco em ponto para poder ter tempo de chegar, mesmo que o trânsito estivesse caótico, como é habitual.

Mando-lhe uma mensagem, mas ela não responde.

Às seis e dez, começo a entrar em pânico. Destranco a porta da entrada e saio para o entardecer abafado de agosto. Olho para ambos os lados da Queen Street East, procurando uma cabeça com caracóis de ouro branco. Apaixonei-me pelo cabelo da Bridget mesmo antes de

alguma vez ter falado com ela, quando fiquei a olhar para a parte de trás da sua cabeça durante uma reunião com todas as pessoas da empresa. Ela pintou-o de platinado para o casamento, mas eu prefiro o seu tom natural mais suave. Faz-me lembrar os fardos de palha no fim do verão.

Tal como o resto de Toronto, Leslieville mostra o seu charme durante as noites quentes. Vejo três elétricos vermelhos em fila a viajar para oeste, um *Basset Hound* velho num carrinho de bebé, e uma criança a segurar num gelado a derreter, com a cara e mãos cobertas de chocolate e menta. Mas não vejo a Bridget.

Quando volto a entrar, a Farah está a contar os arranjos para a encomenda de amanhã, então pego na vassoura e começo a varrer as folhas e flores e pedaços de fita.

A Farah aponta um longo dedo na minha direção, a sua unha afiada pintada com uma risca de amarelo ácido.

— Para com isso. Não preciso da tua ajuda.

— Eu sei que não precisas, mas já que estou aqui... — E preciso de me distrair.

— Senta-te. Relaxa durante trinta segundos, raios. O teu stress está a stressar-me a mim.

Olho para o relógio outra vez. Seis e dezoito. O meu coração está acelerado. A Bridget não faltaria a algo tão importante como a última prova do vestido.

— Devíamos estar na loja às seis.

Ligo para a loja. Talvez tenha havido um mal-entendido e eu devesse encontrar-me lá com a Bridget. Mas não, a lojista chateada que atende o telefone diz-me que a Bridget não está lá. *Na verdade, está vinte minutos atrasada, a loja encerra às sete, e é uma altura do ano muito atarefada, sabe?* Eu peço desculpa, garantindo-lhe que ela está quase a chegar.

Acabo de varrer o chão e puxo um banco. Envio mais uma mensagem à Bridget, com os dedos a começar a tremer, depois ligo o canal CP24, procurando notícias sobre acidentes no percurso que ela faria.

— Lucy — chama a Farah. Também não gosto da delicadeza no seu tom de voz.

Já perdi a minha tia. Não posso perder também a Bridget.

Algo de muito errado se passa.

Volto a levantar-me. Começo a andar de um lado para o outro. A *Sylvia* observa-me durante um momento, depois abandona o seu lugar debaixo de mesa para andar ao meu lado.

Passam-se os cinco minutos mais longos da minha vida, e depois o meu telemóvel vibra-me na mão. O som que sai da minha garganta quando vejo o nome da Bridget no ecrã é gutural, algo entre um soluço e um arquejo de alívio.

— Bridget, onde é que estás? — pergunto. — Estás bem?

A sua voz aparece e desaparece, quase inaudível devido ao vento que sopra no microfone.

— Não consigo ouvir-te. Consegues ouvir-me?

— Bee?

A chamada faz um barulho. Ouço o som de uma porta de correr, e o vento para.

— Bee? — A voz da minha melhor amiga torna-se perfeitamente perceptível do outro lado, mas soa errada. Parece quebrada. Pequena.

— O que é que se passa? Onde estás? Devíamos estar na prova há meia hora.

— Estou em casa — diz. — Estou em Summer Wind.

Demoro um segundo a perceber as suas palavras.

— Estás... o quê? — A minha pulsação transformou-se num martelo elétrico nos meus ouvidos. — Está tudo bem com a tua família? Com os teus pais? O... — Paro para não dizer o nome errado. — O Wolf está bem?

Ouçó-a fungar e sustenho a respiração.

— Sim. Eles estão bem. Mas pensei que estivessem aqui. Não me disseram.

— Não estou a perceber, Bridget. Não te disseram o quê?

— Eles decidiram conduzir até Toronto para o casamento. Estão a fazer disto uma espécie de férias — diz ela, com a voz a subir de tom. — Sabes como eles são.

Realmente, sei como eles são. Os pais da Bridget são espontâneos, o oposto da filha. Isso deixa-a louca. O que faz com que o facto de a Bridget ter ido para a ilha de repente não seja apenas muito estranho. É profundamente preocupante.

— Está bem. Mas... Bridget, porque é que *tu* estás na ilha? O teu casamento é daqui a menos de duas semanas.

Temos a prova do vestido esta noite. Estava combinado que eu iria a casa dela amanhã. O Miles iria fazer um jantar elaborado enquanto eu ajudaria a Bridget a finalizar o mapa de lugares e a lista de fotos para o fotógrafo. Marquei a despedida de solteira para este fim de semana.

— Eu sei. Eu sei. Eu sei. Mas precisava de me afastar, Bee. Precisava de vir a casa. — Ela está a falar aos soluços, e tão rápido que quase não ouço o que diz a seguir. — E preciso que estejas aqui comigo.

— Precisas de mim *ai*? Na Ilha do Príncipe Eduardo?

As sobrancelhas da Farah erguem-se até à sua linha do cabelo.

— Preciso mesmo, mesmo, mesmo. Por favor, vem — diz. Outro fungo. — Há um voo amanhã que ainda tem lugares. Estou a ver o site agora.

— Tu queres que eu vá para a Ilha do Príncipe Eduardo *amanhã*? — Olho para a Farah, boquiaberta. A *Sylvia* está ao seu lado, de cabeça inclinada para o lado.

— Por favor, Bee. Por favor, vem. Preciso de ti.

A lista de desculpas que tenho para ficar é longa. Tenho a reunião com o Cena amanhã. O leilão de flores na terça-feira. Não sei se os empregados podem fazer mais turnos. Também tenho de preparar as coisas para o casamento da Bridget.

Mas a Bridget nunca pede ajuda. Nunca teve de o fazer. Ela ama-me daqui até Neptuno e de volta aqui outra vez, mas não precisa de

mim da mesma forma que eu preciso dela. Até agora. Eu iria a qualquer lugar se ela pedisse a minha ajuda. Recusar não é uma opção.

Olho para a Farah.

— Vai — sussurra-me.

— Está bem — digo à Bridget, abanando a cabeça. Não acredito que estou a fazer isto.

— Vens para a ilha?

Engulo em seco.

— Sim — digo à Bridget. — Vou.

Apesar de haver um motivo muito grande pelo qual eu nunca mais devesse pôr os pés na Ilha do Príncipe Eduardo.

## 2

# Agora

*Oito dias até ao casamento da Bridget*

**O**lho para o asfalto pela janela oval, vendo a minha mala cor-de-rosa ser atirada para o tapete rolante. Sobe pela rampa até à barriga do avião. Uma inquietação corrói a minha.

— Vamos partir para Charlottetown, na Ilha do Príncipe Eduardo, dentro de alguns minutos — diz o piloto a partir do intercomunicador, e eu dobro os dedos no colo. Não tinha a certeza se voltaria a ouvir aquelas palavras.

Quando o avião descola, respiro profundamente. Inspiro e expiro. E novamente. Não deveria estar nervosa. Vou porque a Bridget está a ter uma crise. Não tem nada que ver com ele. Provavelmente nem o irei ver. Provavelmente, ele está num carro com os pais, a caminho de Toronto. Não tive coragem de perguntar à Bridget, mas não importa. Nem sequer deveria estar a pensar nele. A minha única preocupação é a Bridget.

Ela estava tão abalada quando falámos que não me quis dizer nada sobre o porquê de ter ido para casa. Tudo o que sei é que ela chegou à ilha ontem e que me quer ao seu lado.

«A Bridget é o verdadeiro conto de fadas da tua vida», disse-me uma vez a tia Stacy, e eu concordei.

Pensei que iria fazer todo um incrível leque de amigos quando me mudei de St. Catharines para Toronto, para estudar. Dizem que é na

universidade que criamos as melhores amizades, mas eu voei pelos quatro anos do meu curso de Comunicação sem encontrar alguém que se encaixasse comigo.

Depois de nos termos tornado mais próximas, a Bridget disse-me que por vezes se sentia mais sozinha quando estava rodeada de pessoas, e eu pensei: *Sim, é exatamente isso*. Tive alguns encontros e um grupo solto de amigos, mas, à exceção da minha tia, não havia ninguém que me conhecesse de verdade. E depois conheci a Bridget.

O nosso «Era uma vez» começou num sábado à noite. Eu tinha 22 anos, e uma das gestoras da empresa de relações públicas onde eu trabalhava organizou uma festa na sua casa no Annex. Era uma mansão antiga em tijolo com uma torre e uma grande escadaria. Havia uma tenda branca no quintal e lanternas de papel e uma piscina infinita. Usei um vestido com folhos e uma coroa feita com flores do jardim da minha tia. A noite parecia mágica.

Na realidade, não era assim tão diferente da festa com barris de cerveja à qual fui no primeiro ano de faculdade, e que tivera lugar apenas a duas ruas de distância. Uma quantidade exorbitante de álcool foi consumida. Ninguém tinha fato de banho, mas um dos tipos do financeiro saltou para a piscina, todo vestido. Os outros fizeram o mesmo. Quando um dos sócios sénior olhou para o meu peito, dei um passo enorme para trás, e torci o tornozelo. Acabei no chão com um sapato partido. Era a minha deixa para me ir embora.

Estava a descer a Brunswick Avenue com um pé descalço quando ouvi a campainha de uma bicicleta, e depois:

— Olá, Cinderela.

Virei-me e lá estava a Bridget, montada numa bicicleta vermelha de marcha única, com umas jardineiras de ganga, um capacete branco e nem réstias de maquilhagem. Ela estava deslumbrante.

Nunca tínhamos tido uma conversa como deve ser, mas conhecia-a do trabalho. Era uma assistente, tal como eu, mas, nas reuniões, falava com tal autoridade que evocava alguém com o dobro da experiência.

— És a Bridget, certo?

— Sim. E tu és a Lucy Ashby, a rapariga que desenha malmequeres durante as reuniões.

Sorri.

— Também desenho túlipas.

— Bem, aquela festa foi uma desgraça.

— Sim. Não achei que fosse ser um...

— Desastre do caraças? — providenciou a Bridget.

Assenti.

Ela apontou para o sapato que eu trazia na mão.

— O que é que te aconteceu?

— O meu sapato ficou preso na calçada e eu caí numa poça de água da piscina. — Viro-me para que ela consiga ver a mancha molhada no meu rabo. — Pelo menos, espero que fosse água da piscina. O meu salto partiu-se.

— Onde é que vives?

— No cruzamento da Jarvis com a Wellesley.

— Isso não é longe da minha casa. Eu moro em Cabbagetown. Sobe.

E foi assim que dei por mim a descer a Bloor Street no guiador da Bridget, ouvindo-a contar histórias sobre como fora crescer na Ilha do Príncipe Eduardo. A certa altura, ri-me tanto que quase caí. Quando chegámos ao meu prédio, sentámo-nos nas escadas da entrada e falámos durante mais de uma hora.

— Vou guardar-te um lugar na reunião trimestral de terça-feira — disse-me enquanto colocava o capacete. — Já que chegas sempre atrasada.

— Está bem. — Fiquei surpreendida por ela ter reparado. — Obrigada.

Ela montou-se na bicicleta e seguiu, dizendo sobre o ombro:

— Adeus, Ashby. — É algo que o pai da Bridget faz, vim a descobrir: chamar as pessoas pelo apelido.

Passada uma semana, já partilhávamos os lanches, as pausas para almoço e as fofocas, e ela já tinha encurtado Ashby para Bee. Disse que combinava comigo, com a forma como eu andava sempre a voar de um lado para o outro. Mas não me importei. De todo. Porque durante os cinco anos seguintes, até ao dia em que ela saiu do nosso apartamento, nunca me senti sozinha.

Já não somos colegas de casa. Temos 29 anos e ela vai casar-se. Ambas nos dedicámos às nossas carreiras. A entrevista de emprego para o Sunnybrook foi o motivo pelo qual a Bridget perdeu o avião para a ilha há cinco anos. Ela deslumbrou o comité de contratação, claro, e acabou por ficar lá durante horas, a visitar o *campus*, a conhecer os futuros colegas e o chefe do chefe dela. Já lá vão os dias em que partilhávamos fofocas do escritório durante as pausas para café, parece que foi noutra vida, e tem-se tornado mais complicado conseguirmos viajar juntas.

Adormeço algures sobre o Quebeque, mas a sesta não dura nem perto do suficiente. Sonho com um casamento em que todas as flores morrem minutos antes da cerimónia. Passamos por uma zona de turbulência sobre o Maine e eu acordo, com o coração a palpitar e as mãos suadas.

Em todos os anos da nossa amizade, nunca ouvi a Bridget soar tão perdida quanto souu ontem durante aquela chamada. É sempre a Bridget a cuidar de mim. Ela já me levantou depois de eu cair tantas vezes que já perdi a conta. A Bridget raramente tropeça.

O lado racional do meu cérebro sabe que eu não deveria estar neste avião neste momento. Quando liguei para a Lilian, do Cena, ontem à noite para lhe dizer que precisava de remarcar, o seu desagrado foi evidente. Não lhe conseguia dizer exatamente quando estaria de volta. Não lhe inspirei nenhuma confiança. A Bridget insistiu em comprar-me o bilhete, mas não marcou a viagem de volta. Não me imagino a ficar lá depois do fim de semana. Tenho demasiadas coisas a acontecer, incluindo as flores para o casamento dela, mas como é que posso negar-lhe seja o que for, quando ela já me deu tanto?

— Atenção, passageiros — diz o piloto. — Estamos prestes a iniciar a aterragem em Charlottetown.

Esta será a minha quinta visita à ilha; vim sozinha em julho. Olho pela janela e o meu estômago contrai-se. Vista do céu, a ilha parece uma das mantas de retalhos da avó da Bridget: um padrão de quintas e plantações e árvores. Pode ser a casa da Bridget, mas também me é preciosa. Algumas das minhas memórias mais felizes tiveram lugar neste lindo crescente de terra verde.

Assim como alguns dos meus maiores erros.

Mas não irei repeti-los. Não novamente. Pela primeira vez, este verão será diferente.

Tem de ser.

Porque a Bridget é a pessoa que me é mais querida. A minha sábia. A minha irmã. Eu faria tudo que ela me pedisse, incluindo uma viagem de última hora. Incluindo não me apaixonar.

# Agora

**S**empre gostei de voar até Charlottetown. Sai-se do avião diretamente para o asfalto, o que costumava fazer-me sentir como uma celebridade. O aeroporto em si é um pequeníssimo encanto. Há um tapete de bagagem e tem-se a mala na mão quinze minutos depois de pisar o solo da Ilha do Príncipe Eduardo.

Com base nas suas indicações, presumo que a Bridget esteja à minha espera no parque de estacionamento, então vou logo em direção à estátua da vaca da *Cows Creamery* para esperar pela minha bagagem. É em tamanho real e parecida a um desenho animado: preta e branca, com o focinho cor-de-rosa, e faz-me sempre sorrir. Fiquei meio que obcecada com ela desde a minha primeira viagem. Mas a minha vaca não está em lado nenhum. Dou uma volta completa no meio da divisão, horrorizada.

— Posso ajudá-la a encontrar alguma coisa, querida? — pergunta-me uma senhora com uma pá e uma vassoura. As pessoas da ilha são os seres mais simpáticos de sempre.

— Não. Mas obrigada — digo-lhe. — É que acabei de reparar que a vaca desapareceu.

— É uma pena, não é? Remodelações. Eu também tenho saudades da *Wowie*.

— Não sabia que tinha um nome.

A mulher anui.

— *Wowie*.

Ela deseja-me um bom-dia e eu dou dois passos na direção do tapete de bagagem quando sou atacada. A Bridget é mais baixa do que eu, dá-me pelo queixo, mas atira-se contra mim com uma força tal que quase me derruba. Os seus braços enrolam-se à minha volta e a minha cara é absorvida por uma nuvem loura.

Vimo-nos no fim de semana passado na festa de celebração do casamento que os colegas de trabalho organizaram, mas ela abraça-me como se não me visse há meses. A Bridget pareceu-me estar bem nessa altura, mas posso não ter reparado em alguma coisa. Estava distraída nesse dia, preocupada por não estar na In Bloom.

— Estou tão feliz por estares viva — digo para o cabelo da Bridget. — Assustaste-me ontem. — Aperto-a com força, depois pego-lhe nos ombros e afasto-a para poder ver com o que é que estou a lidar. Ela está a usar calções de ganga curtos, uma blusa de alças e nem rês-tia de maquilhagem. Quase parece a Bridget de quando tínhamos 23 anos e éramos colegas de casa, antes de ela ir viver com o Miles.

Com os seus caracóis dourados e a sua altura diminuta, a Bridget parece um duende adorável, com sardas que lhe salpicam o nariz e os ombros a qualquer sinal de sol. Mas ela é forte e muitas vezes fazem juízos de valor errados sobre ela; ela adora provar que essas ideias estão erradas. Vi isso em primeira mão quando trabalhámos juntas.

Uma vez, durante uma reunião tensa, ela virou-se para o tipo ao lado dela e disse-lhe que tinha «uma atitude de merda». Isso foi antes de nos termos tornado amigas, e a forma como ela disse *atitude* soou quase como *atituze*. Gostei: tanto do insulto quanto da confiança inabalável com que o proferiu. O sotaque da Costa Este da Bridget ficava mais óbvio depois de uma bebida ou no calor de uma discussão. Aí, os erros saíam-lhe da boca como se ela lhes estivesse a prestar mais atenção.

— Estou tão feliz por estares aqui. — A Bridget sorri e duas covinhas gémeas aparecem.

Mas as suas bochechas estão pálidas e tem olheiras escuras sob os olhos castanhos. A Bridget é devota à sua rotina de descanso, mas é impossível ela ter dormido as autoimpostas oito horas na noite passada.

— Sabes que eu me atiraria de uma ponte se tu mo pedisses.

— Quem sabe amanhã. — Ela aperta-me as bochechas. A sua forma de demonstrar afeto fisicamente não tem limites, e as minhas bochechas já estão mais do que habituadas. — A única coisa que quero é passar tempo de qualidade contigo, minha querida melhor amiga, que eu tanto amo.

Ela parece muito mais ela própria do que ontem, mas deve ser só fachada. A Bridget não me pediu para voar para as províncias atlânticas do Canadá oito dias antes do seu casamento para podermos passar algum tempo juntas. Não é disso que isto se trata. Isto é uma missão de resgate.

Quando lhe perguntei quanto tempo ela precisava que eu ficasse, ela respondeu-me: «Tanto quanto puderes.»

Com sorte, irei passar duas noites em Summer Wind e estarei num avião de volta a Toronto no domingo, com a Bridget a reboque.

Ela acena com a cabeça para o tapete, onde a minha mala apareceu.

— Ali está a tua mala. — Ela dá-me o braço. — Bora lá.

Lá fora está húmido, o chão molhado pela chuva. O sol brilha intensamente, mas há nuvens de tempestade a este. O tempo pode mudar muito rapidamente na ilha.

— Queres contar-me o que aconteceu ontem? — pergunto enquanto arrasto a minha mala pelo parque de estacionamento.

— Senti saudades de casa — diz ela, com um encolher de ombros de *nada de mais*. — Com o casamento e a lua de mel e o trabalho, não sabia quando conseguiria vir cá, a não ser agora. Estava com

esperança de surpreender os meus pais. Mas devia ter ligado antes. Já sei quão esquivos eles são.

Analiso o seu rosto, tentando perceber quanto do que me disse é mentira.

— Parecias estar muito transtornada.

— E estava. Eles foram de viagem sem me dizer nada? Típico.

— Os teus pais não estavam cá quando chegaste?

— Não. Eles ainda não tinham comprado os bilhetes de avião para Toronto, então decidiram ir de carro para ver as vistas. Vão ter com uns amigos a Fredericton, passar uns dias em Montreal.

Consigo ouvir a sua irritação. O Ken e a Christine são ótimos pais, motivo pelo qual a Bridget e o Felix são tão independentes e confiantes, mas têm uma abordagem indiferente no que toca a planeamento, o que a deixa de cabelos em pé. O Ken era professor de História e a Christine era veterinária de animais de grande porte, e agora que estão ambos reformados, é quase impossível pará-los. Fazem aquilo que querem, quando querem, e exercem o direito de mudar de ideias. Acho que a necessidade de organização da Bridget surgiu como resposta direta à atitude mais relaxada dos pais.

Já vamos a meio do parque de estacionamento e estou prestes a perguntar-lhe de novo porque é que precisava de mim tão urgentemente, mas depois vejo-o.

Lendo um livro, encostado à carrinha preta de caixa aberta com os pneus cobertos de terra, está o Felix Clark. O seu cabelo escuro cai-lhe sobre a testa num lindo emaranhado rodopiante.

Respiro fundo. Passam-se segundos antes de voltar a conseguir respirar. Já passou um ano inteiro desde que nos vimos, e a memória assola-me num piscar de olhos.

Brilhantes olhos azuis. Mãos fortes. A brisa do mar na pele bronzeada pelo sol. Um beijo na praia. Areia nos lençóis. O dia em que tudo mudou.

*Eu diverti-me.*

É um milagre eu não tropeçar. O meu estômago está às voltas como um moinho, e o meu coração está a tentar ao máximo fazer-me um buraco no peito.

*Acalma-te, digo-lhe. Comporta-te.*

Mas ele apenas acelera.

O Felix está aqui.

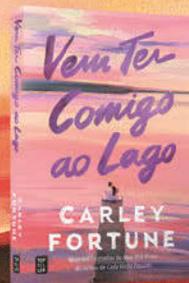
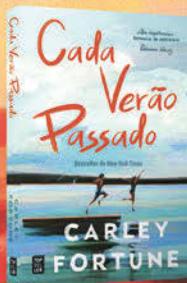
**ESTE VERÃO, ELES VÃO MANTER  
A PROMESSA QUE FIZERAM.  
ESTE VERÃO, NÃO VÃO CEDER À TENTAÇÃO.  
ESTE VERÃO VAI SER DIFERENTE.**

Lucy conheceu Felix no primeiro verão que passou na Ilha do Príncipe Eduardo com a sua melhor amiga, Bridget. A química entre os dois foi imediata, mas ambos depressa perceberam que teriam de se manter afastados. É que Felix não era apenas um simpático habitante local disposto a fazer uma turista sentir-se em casa; era o irmão de Bridget, e ela não iria gostar nada de saber o que se tinha passado naquele primeiro encontro...

Verão após verão, Lucy regressou à ilha para se afastar do seu quotidiano atarefado em Toronto e desfrutar da companhia da amiga e de saborosas refeições de ostras e vinho verde junto ao mar. E, de todas as vezes, Lucy prometeu a si própria que haveria de proteger o seu coração e não se envolver com Felix. Mas resistir à tentação nem sempre é fácil.

Quando, a poucos dias do seu casamento, Bridget viaja para a ilha inesperadamente, Lucy deixa tudo para trás para acompanhar a amiga. Tem como missão ajudá-la a ultrapassar um momento de crise, mas também manter a distância do homem a quem nunca foi capaz de resistir. Só que, cinco anos depois daquelas primeiras férias de verão, há algo de diferente em Felix. E talvez o coração de Lucy não esteja assim tão protegido.

Da  
mesma  
autora:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897877995



9 789897 877995 >